

## **RESUMO**

Este trabalho discute a influência das fantasias no processo de adoção, mais especificamente na adoção tardia. Propõe-se que, se as fantasias, por um lado, encontram-se na base que fundamenta o desejo da adoção, por outro lado, podem se tornar agentes perturbadores no processo de vinculação da nova família. Trata-se, portanto, de um fenômeno de ordem narcísica que impede o reconhecimento do outro como sujeito de desejo. Na verdade, o valor do outro fica atrelado à sua capacidade de servir de objeto de resgate da relação narcísica com o objeto primário perdido. Essa situação, se não elaborada devidamente, transforma a nova relação familiar numa reedição do abandono, com consequências funestas para ambas as partes: a dor psíquica da reabertura da ferida narcísica no adulto e na criança, sendo que, para esta ainda surge o risco de sofrer mais uma devolução.

Palavras-chave: adoção tardia, narcisismo, fantasia.

## **ABSTRACT**

This paper presents a discussion about the role of fantasies on the adoption process, specially on late adoption. The proposition is that if fantasies, on the one hand, are the basis of adoption desire, on the other hand they can cause disruptions to the new family bonding process. It is, therefore, a narcissistic phenomenon that holds people from recognizing others as desire subjects. Actually, one's value is defined in that perspective by one's capacity to be the object for the subject to rescue his narcissistic relationship with its lost primary object. This situation, if not dealt appropriately, transmutes the new family's relations into a scenario of abandon reedition, with disastrous outcomes for both parts: psychic pain caused by narcissistic wound in adult and child, and, for the later, the risk of being returned to housing institutions.

Keywords: late adoption, narcissism, fantasy.

---

---

## A FANTASIA E A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS NA ADOÇÃO TARDIA

Cássio Marcelo Batista Veludo<sup>1</sup> & Marlana Silveira e Silva

Aconchego, Brasília, Brasil.

### INTRODUÇÃO

Na experiência humana a realidade será sempre precedida de um sonho. O pensamento, a imaginação, a ideia compõem o cenário da montagem da realidade. O sonho não é antagonico à realidade. Pelo contrário, está incrustado na sua origem. (Luiz Schettini Filho).

O trecho em epígrafe foi escolhido para introduzir este trabalho pela referência que faz ao sonho e à realidade, elementos presentes em nossos cotidianos e especificamente na rotina de trabalho com famílias formadas por adoção. Em especial nos deparamos com a dicotomia entre o sonho inicial de formar e de fazer parte de uma família e a realidade dos problemas que surgem durante o processo. Sonhar é, antes de tudo, realizar desejos e o caminho para essa realização é cheio de obstáculos produtores de sofrimento psíquico. Nesse sentido, a busca da realização do desejo pode acabar se tornando um importante obstáculo à formação da nova família, antagonizando sim, nesse caso, com a realidade.

Partimos do pressuposto de que os filhos podem ocupar um espaço narcisicamente delimitado na subjetividade dos pais. Falamos, portanto, de uma marca narcísica na parentalidade, que pode ser observada no zelo exacerbado e no esforço empreendido pelos pais para que seus filhos não se sujeitem às imposições e aos imperativos do mundo.

Doença, morte, renúncia à fruição, restrições à própria vontade não devem valer para a criança; as leis da natureza, assim como as da sociedade, devem se deter diante dela, e ela deve realmente tornar-se de novo o centro e a essência da criação do mundo. *His*

---

<sup>1</sup> Endereço para correspondência: Caixa Postal 2356, CEP 70842-970 – Brasília – DF.  
CLN Quadra 106, bloco A, loja 38, CEP 70742-510 – Brasília – DF.  
Telefone: (61) 3963.5049 / (61) 3964.5048

*Majesty the baby*, tal como nós mesmos no imaginamos um dia (Freud, 1914/2004, p. 110).

Em trabalhos anteriores (Veludo, 2009; Veludo & Viana, no prelo) defendemos a ideia de que essa marca narcísica na parentalidade delineia, na subjetividade parental, a ação da sexualidade infantil, sempre em busca do objeto primário, desde sempre perdido, e construído na fantasia. É na fantasia que a subjetividade infantil dos pais encontra refúgio contra os imperativos do mundo interno e externo que teimam em cercear suas fontes de prazer e em exigir ações específicas para as quais a subjetividade não se encontra preparada.

O advento de um filho na vida dos pais cria o contexto ideal para um deslocamento maciço deste investimento narcísico nas próprias fantasias para um investimento nesta criança. Em outras palavras, é possível amar aos filhos revestindo-os, na fantasia, com características que correspondam àquilo que é idealizado como objeto primário dos pais. Essa verdadeira infiltração do narcisismo no amor parental faz com que as crianças passem a ser “amadas com a condição de preencherem os objetivos narcisistas que os pais não conseguiram realizar” (Green, 1988, p. 256). Uma consequência imediata dessa revivescência do narcisismo (Freud, 1914/2004) na subjetividade dos pais é o abandono do filho sob seus cuidados, um abandono psíquico, que pode ser vivido pela criança como verdadeira morte da figura parental.

Em outras palavras, os filhos (sejam eles por adoção ou não) carregam uma disposição natural para se tornarem objetos das fantasias parentais, no sentido de que os pais encontram na criança o refúgio que lhes oferece uma sensação de segurança e imortalidade para o ego. É nesse ponto que o ideal, manifestação privilegiada da fantasia, pode sim antagonizar a realidade, prejudicando o vínculo dos pais com a criança, o que ocorre se a energia psíquica parental não puder fluir para outro objeto que não seja o seu próprio objeto narcisicamente revivido.

Em suma, essa ideia da revivescência narcísica permite-nos tratar da adoção como um fenômeno subjetivo geral e não apenas algo circunscrito ao processo judicial de adoção de crianças. Trabalhamos, portanto, com o conceito de adoção afetiva, um fenômeno que surge envolto em forças de ordem narcísica, mas que só se completa com

a possibilidade do reconhecimento do outro como um ser desejante e não apenas como objeto para revivescência narcísica dos envolvidos. Nesse sentido, até mesmo os chamados filhos biológicos precisam ser afetivamente adotados, caso contrário encontrarão em seus pais nada além do vazio de uma figura psiquicamente morta e incapaz de investir na criança (Green, 1988).

Nossa proposta neste artigo é discutir a adoção tardia com base no conceito de adoção afetiva, um processo que, para obtermos um resultado satisfatório, deve ocorrer tanto por parte dos pais por adoção quanto da criança que é adotada. Aliás, é importante frisar que o termo pais por adoção descreve uma situação dupla na qual o adulto, candidato ao papel parental, também transita em polo passivo ao se sujeitar a ser ou não adotado afetivamente pela criança que escolheu como filho.

## **O TRABALHO DA ADOÇÃO TARDIA**

A adoção tardia sempre carregou o estigma de ser mais problemática que outros tipos de adoção, em especial a adoção de crianças menores de 2 anos (Ebrahim, 2001; Costa & Rossetti-Ferreira, 2007). Não obstante certas diferenças e peculiaridades, nossa impressão no trabalho com os grupos de adoção tardia diverge bastante deste estigma. Atribuímos isso ao fato de que o foco de nosso trabalho não recai sobre o processo de adoção em si, mas sobre a formação dos vínculos familiares e os obstáculos que surgem durante a tarefa de vinculação. Note-se que não falamos em vinculação simplesmente, como se algo instantâneo ou mesmo mágico pudesse ocorrer para produzir uma família com vínculos afetivos satisfatórios. Trata-se de uma tarefa que pode ser mais ou menos árdua a depender da disponibilidade dos adultos e das crianças para o processo. Assim, vemos esse artigo como uma contribuição para preencher a lacuna apontada por Otuka, Scorsolini-Comin e dos Santos (2009) sobre trabalhos que enfoquem o processo de construção de vínculos.

Grande parte das queixas que recebemos dos pais no grupo de adoção refere-se a dificuldades na vinculação. Escutamos relatos de pais que sofrem porque seus filhos não lhes permitem o contato mais próximo dentro da expectativa que carregam

sobre como deveria ser uma convivência saudável e feliz entre pais e filhos. Muitos desses pais, por mais engajados que estejam no processo de vinculação, comparecem às reuniões do grupo de apoio e demonstram o desespero por terem seus ideais de paternidade e maternidade gravemente frustrados por uma criança que recusa os cuidados, as orientações e os carinhos ofertados. Nesse momento, o pensamento de devolver a criança para o Estado torna-se bastante recorrente.

Nossa experiência tem mostrado que essa situação problemática pode ser manejada se os envolvidos forem auxiliados no reconhecimento e na elaboração de seus próprios conflitos, compreendendo, dessa forma, o processo de utilização do outro idealizado como objeto para suas fantasias. Essa compreensão pode produzir dois importantes efeitos. Por um lado, ajuda o sujeito a reconhecer o próprio desejo e a lidar com a frustração subsequente. Este contato permite o início de um processo de reconhecimento e re-integração do desejo na subjetividade. Em outras palavras, estimula a autoadoção afetiva, isto é, a assunção da responsabilidade de cuidar de sua própria criança desamparada, liberando o outro dessa tarefa.

O segundo efeito, consequência da autoadoção afetiva, é o início do reconhecimento de pais e filhos como papéis possíveis de se delimitar e se jogar. Nesse ponto, os relatos dos pais revelam a surpresa que vivem quando descobrem, pela primeira vez, que também são capazes de desejar a criança da realidade. Emocionam-se ao descrever a aproximação abrupta que sentem ocorrer na relação com seus filhos, como um jorrar intenso provocado pelo rompimento de uma barragem. Sentem-se vivendo o papel de pais, orgulham-se disso e conseguem auxiliar, de maneira muito mais satisfatória, o processo de vinculação da criança.

A elaboração simbólica das fantasias é também o foco do trabalho que propomos ao grupo de crianças. A metodologia, contudo, difere daquela aplicada no grupo de adultos. Enquanto neste, opta-se pela elaboração por meio da fala, no trabalho com o grupo de filhos as crianças são estimuladas a canalizar afetos contidos através da expressão artística, permitindo assim sua redistribuição de maneira nova e mais bem adaptada socialmente. As atividades e produções do grupo possibilitam a troca de experiências e elaboração de situações comuns vividas por seus membros, contribuindo com o processo de vinculação entre a criança e os novos pais.

Notamos que os trabalhos no grupo de pais e no grupo de filhos ocorrem em sentidos aparentemente opostos. Enquanto o trabalho com os adultos parece girar em torno da desconstrução do vínculo narcísico para que seja possível o movimento em direção à alteridade, com as crianças buscamos a construção ou a restauração do desejo de filiar-se ao outro, desejo este muitas vezes enfraquecido pelas repetidas vivências de abandono. De fato, dizemos que são sentidos apenas aparentemente opostos, pois o resultado final que observamos tem sido o engajamento de pais e filhos no mesmo esforço de adoção afetiva do outro.

Devido a uma questão de espaço, não teremos a oportunidade de rever aqui os fundamentos dessa dinâmica narcísica e tampouco discorrer mais detalhadamente sobre esse ponto de inflexão em direção ao reconhecimento do outro como sujeito de desejo. Para maiores informações indicamos os trabalhos acima citados, em especial Freud, (1914/2004) e Green (1998), Veludo (2009). No intuito apenas de organizar as ideias acima, podemos afirmar que a principal tarefa do grupo adoção tardia tem sido a de permitir aos seus integrantes um espaço para compreensão dessas dinâmicas e conflitos psíquicos que podem tumultuar o processo de vinculação. Mais importante ainda, o trabalho no grupo de apoio tem permitido aos seus integrantes descobrir estratégias de ação, seja pela troca de experiências, seja pela descoberta de que, aberta a possibilidade de compreensão e simbolização do conflito, a autoadoção afetiva viabiliza a construção de caminhos próprios para o fortalecimento dos vínculos familiares.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esperamos que este pequeno artigo possa contribuir com os estudos sobre o tema da adoção tardia e estimular o debate sobre a nova cultura de adoção, na qual se buscam “famílias para a criança e não crianças para famílias” (Costa & Rossetti-Ferreira, 2007). Concordamos com a mudança de paradigma presente nessa ideia, no sentido de proteger e priorizar o melhor interesse da criança. Não se deve, por exemplo, esperar outra postura dos operadores de direito e dos responsáveis pela salvaguarda dos menores.

Contudo, nosso trabalho tem a pretensão de ir além dessa dicotomia criança-família, pois entendemos que o empoderamento das famílias formadas por adoção possui duplo foco. De um lado, a preparação e o acompanhamento sistemático da família para receber e aconchegar a criança e, do outro, o suporte para que a criança também seja capaz de adotar a nova família e a ela pertencer. É nesse sentido que o grupo de acompanhamento de pais e crianças no período de pós-adoção tardia vem se mostrando um espaço privilegiado para a elaboração dos conflitos intra e interpessoais que são estimulados pela entrada de novos membros no sistema familiar.

## REFERÊNCIAS

- Costa, N.R.A & Rossetti-Ferreira, M.C (2007). Tornar-se pai e mãe em um processo de adoção tardia. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 20 (3), 425-434.
- Ebrahim, S.G. (2001). Adoção Tardia: Altruísmo, Maturidade, e Estabilidade Emocional. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(1), 73-80.
- Freud, S. (2004). À guisa de introdução ao narcisismo. In L. A. Hanns (Trad.), *Obras psicológicas de Sigmund Freud: Vol. 1. Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (pp. 95-132). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1914)
- Green, A. (1988). *Narcisismo de vida, Narcisismo de morte*. São Paulo: Editora Escuta
- Otuka, L.K.; Scorsolini-Comin, F.; dos Santos, M.A. (2009). A configuração dos vínculos na adoção: uma atualização no contexto Latino-Americano. *Revista Brasileira de crescimento e desenvolvimento humano*, 19(3), 1-9.
- Schettini Filho, L. (2003). Uma psicologia da adoção. Recuperado em 5 de julho de 2012, de <http://www.luizschettini.psc.br/noticias2.asp?codigo=2>.
- Veludo, C.M.B. (2009). *Narcisismo e função parental: Incursões na clínica, teoria psicanalítica e literatura*. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade de Brasília, Brasília, DF.
- Veludo, C.M.B. & Viana, T.C. (no prelo). Parentalidade e o Desenvolvimento Psíquico na Criança. *Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação*.